

[CONTOS E  
CRÔNICAS]

# MANUAL DE BOLSO DAS TRIVIALIDADES ÁCIDAS

Alana Ritzmann  
Luiza Giostri

[ ] [ ]  
[ OUTRAS ]  
PALAVRAS

Biblioteca  
Parana **B**



Máquina de Escrever  
editora | produção cultural

**MANUAL DE  
BOLSO DAS  
TRIVIALIDADES  
ÁCIDAS**

A Máquina de Escrever Editora e Produção Cultural foi selecionada pelo Edital de Apoio à Publicação de Obras Literárias – OUTRAS PALAVRAS N.º 011/2023 – da Secretaria de Estado da Cultura, para a publicação de 13 obras literárias premiadas no Edital de Concurso 005/2020 – Outras Palavras.

**Coordenação e Edição:**

**Victor Augustus Graciotto Silva  
Juliana Cristina Reinhardt**

**Diagramação:**

**Rafael Ferrer Kloss**

**Assistente de diagramação:**

**Clara Reinhardt Silva**

**Revisão:**

**Elys Faria Bittencourt**

**Revisão textual da capa:**

**Bárbara Franco Justi**

TODAS AS INFORMAÇÕES CONSTANTES NESTA OBRA SÃO DE RESPONSABILIDADE EXCLUSIVA DO AUTOR PROJETO APROVADO PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA – GOVERNO DO PARANÁ, COM RECURSOS DA LEI PAULO GUSTAVO, MINISTÉRIO DA CULTURA – GOVERNO FEDERAL.

#### Dados internacionais de catalogação na publicação

**R615** Ritzmann, Alana  
Manual de bolso das trivialidades ácidas / Alana Ritzmann;  
Lugi (nome artístico de Luiza Giostri).  
\_\_\_ Curitiba: Máquina de Escrever, 2025.  
49 p.; 14 x 21 cm

ISBN: 978-65-87517-91-9

1. Intimidade (Psicologia). 2 Mulheres – Sexualidade.  
3. Opressão – Mulheres (Psicologia). I. Giostri, Luiza  
nome artístico: Lugi). II. Título.

CDD: 155.3

Filomena N. Hammerschmidt – CRB9/850



**Máquina de Escrever**

Editora | Produção Cultural

Curitiba - Pr - Brasil

Fone: (41) 98405-1935

contato@editoramaquinadeescrever.com.br

editoramaquinadeescrever.com.br



# MANUAL DE BOLSO DAS TRIVIALIDADES ÁCIDAS

Alana Ritzmann  
Luiza Giostri

---

Curitiba 2025





# Sumário

Agradecimentos.....	7
Prefácio.....	9
Debut.....	11
1. CLUBE DAS MULHERES HISTÓRICAS.....	13
1.1. A morte do pintinho.....	13
1.2. Não subestimar um DIU bemcolocado e uma mente engatilhada.....	14
1.3. Eu sei que gosto dele, sabe?.....	15
1.4. Noite do pijama entre amigas.....	17
1.5. Rainha má.....	18
1.6. Ter útero prejudica minha saúde mental.....	19
1.7. Príncipe enforcado.....	21
1.8. O pornô nunca foi pra mulher.....	24
1.9. O que eu mais temia.....	25
1.10. Aqui da minha banheira não posso fazer nada pelos problemas do mundo.....	26
1.11. Uma pira meio errada.....	27
1.12. Ditadora.....	29
2. ÀS VEZES SAGRADO FEMININO, OUTRAS, O QUE É FEMININO.....	31
2.1. Recebo este capítulo de uma saudade surrada e compensação desenfreada ao abismo.....	31
2.2. Clandestina.....	32
2.3. 8.....	34
2.4. A incrível vida da mulher um pouco homem.....	35
2.5. Sede.....	36

2.6. Vaginas.....	37
2.7. Luto.....	38
2.8. Carta ao pai.....	39
2.9. Meu rei.....	40
2.10. Chega de linha, vamos de espiral.....	41
3. Avenida da língua afiada, Curitiba, Paraná, Brasil, Sul da América Latina, 2020.....	43
3.1. Eu sou o embrião do caos.....	43
3.2. Andarilha psíquica.....	45
3.3. Lixo enquanto compensação social.....	46
3.4. Aluna do vento.....	47
3.5. Atualizações brasileiras.....	48
3.6. Algo acontece entre o "T" e o "P".....	49
3.7. Medida socioeducativa.....	50
3.8. Se o capital for embora.....	51
3.9. Me avisem se esse complexo de herói levar a algum lugar..	53
3.10. Arte e militância.....	54
4. ÂNSIÃ.....	55
4.1. Emergência de um novo céu.....	56
4.2. Estar apaixonada não é tanto uma opção.....	57
4.3. Uma ode ao amor.....	58
4.4. Agora.....	59
4.5. Reconfortante.....	60
4.6. Escorre consciente.....	62
4.7. Eu nunca mais te vi.....	64

## Agradecimentos

Dora Suh canalizou a oportunidade de um desejo. Com suas cores, uniu duas poetisas em seu trabalho visual. Sem sua proposta, talvez a realização nunca aconteceria. Este documento não inclui a composição visual por ela realizada, mas somos gratas e contempladas pelo seu convite, compreendemos que sua participação, de uma forma ou outra, está presente nesta obra.

Taylor Kokot, aquele envolvido na publicação de material independente e crente do poder literário enquanto transformador. A este sul-americano, nosso agradecimento pelo convite de inscrever o livro no edital, pelo seu cuidado com a diagramação, mas principalmente, por acreditar em seu conteúdo. Através de sua experiência, nos guiou lindamente por normas reguladoras e palpites extraordinários. Agradecemos sua disposição impecável em ajudar a tornar esta obra possível.

Luiza Giotri, agradeço pela sua existência. Parceira em tantos âmbitos e inspiração quando o tema é a palavra. Tua trivialidade cotidiana, alegre mas rebelde, me encanta. A cada releitura destas páginas penso no nosso entusiasmo, dedicação e na missão de difundir conteúdo tão rico, a imagem de nós duas incrédulas em frente ao computador. Que sigamos juntas em mais tantos feitos.

Alana Ritzmann, agradeço sua paciência, sua subversão e seu pulsante desejo em tornar isso real. Sua acidez me move, sinto que juntas, nunca ficamos paradas. Poucas pessoas teriam a coragem de embarcar nesta aventura literária, menos ainda, de pôr em palavras tantas angústias, perturbações e trivialidades ácidas. Você teve não só coragem, soube lidar com os medos na entrega desta obra literária visceral.

Agradecemos à cidade de Curitiba, cenário de muitas linhas aqui escritas, de memórias fundantes das crônicas

e poesias. Este livro foi escrito com entrega, fomos instrumentos de nossas vivências, de nossos sonhos e do que a cidade construiu em nós. O cotidiano delirante dessa metrópole é produtor desta obra, tal como é produto do que está descrito nos capítulos a seguir. A arte retrata a cidade ao mesmo tempo que a movimenta, modifica, (re)constrói.

## Prefácio

Com muita tristeza percebo o quão atual é este livro. Contemporâneo, necessário, urgente. Infelizmente, um livro tão eterno que poderia ter sido escrito dois séculos atrás. E qual não seria a sociedade hoje se livros como este fossem publicados e lidos há dois séculos? Perdi-me pensando onde estariam os homens de hoje se séculos atrás tivessem aberto livros assim, combativos, escritos por autoras livres e fortes; e me reencontrei dentro desta obra pensando onde estarão as mulheres dessas literaturas.

Entretanto, se é com sangue que se escreve, é também com sangue que se lê. As autoras nos exigem paixão, coragem e força pra ler o que está escrito, assim como lhes foi exigido paixão, coragem e força pra escrever o que lemos. O que os leitores e leitoras encontrarão nas próximas páginas são escritos viscerais, materializados por duas das mais profundas escritoras que conheço, que mudam o nosso jeito de entender a literatura e mudam nosso jeito de entender o mundo.

Quem começar a ler este livro, certamente não o deixará pela metade. E quando finalizada a leitura, o misto de sentimentos transitará entre a esperança e o desconforto. Desconforto porque o exposto nesta obra está umbilicalmente ligado à realidade, a histórias verdadeiras, a angústias, dramas, abusos e crimes que são reais, que atravessam como uma adaga a vida das autoras e de suas personagens, tão vivas. E esperança, claro, porque as autoras deixam claro sua inconformidade, seu não comodismo, sua insatisfação. E esse sentimento de mudança - que em mim se manifestou através da raiva - consome quem lê os trechos aqui compilados.

Como o próprio nome da obra deixa claro em dois tempos; este livro é um manual de bolso e um atentado ao silenciamento. É pra ser carregado pra cima e pra baixo, seja dentro do bolso ou fora dele, derramando trivialidades ácidas pelo dia a dia e despindo sem pudor a realidade. E é

um atentado ao silenciamento porque é uma baioneta. Este livro é uma arma, se bem utilizado.

Entre bons sorrisos, suspiros profundos e momentos de angústia e reflexão, o Manual de Bolso das Trivialidades Ácidas é um trânsito constante entre o afago e o desconforto. Sua escrita e leitura são, acima de tudo, essenciais.

## Debut

### ESSA SE CHAMA SEM VERGONHA

Nego me envergonhar diante do olhar do outro. Outro que não me acrescenta, que não me sustenta, que impõe falta e carência.

Não nasci da cegonha, nasci pelada.

Nasci nua e crua e assim me coloco, me exponho, mesmo que te assuste. E assustado ficará, pois mistura vergonha com sexo, com vontade de ficar.

Já a minha falta de vergonha é vontade de voar. De ser só, somente só, fiel a mim.



# 1. CLUBE DAS MULHERES HISTÉRICAS

## 1.1. A morte do pintinho

se contorcia pelo líquido feral. Entre batimentos cardíacos e espasmos musculares habitava uma vontade primeira de levar ar aos frágeis pulmões, mas era tudo líquido. Parece-me que embaixo da água é mais tranquilo, não há o que incomode. Há um eterno calor, um algo que sempre alimenta. Não há de se preocupar se o presidente declara mais uma guerra escondida, vista apenas pelas mãos de quem chora os corpos de seus filhos. Não há de se preocupar se ele volta. Ele nunca voltou. Há pouca ou nula preocupação com o tempo, com o movimento das nuvens ou com as vestes corretas para o Natal.

O mais frágil embrião queria prosseguir com seu estado *intracasca*, estado *intra líquido*, mas antes mesmo de seu batimento cardíaco se complementar: tum-tum, tum. Algo ali havia mudado. Uma fresta muito fina se abriu, esquelética, porém suficiente para deixar a luz entrar. Era a luz que invadiu, mas também era ar. Quando se fez possível entrar ao nos pulmões: foi a morte do feto e o nascimento do ser. Um projeto de vida saiu frágil de sua casca, com medo, finas patas a tentar o equilíbrio. Mas não durou muito tempo, logo Mike o comeu. Era um labrador de grandes dentes, pelo macio, fome de vida.

A vida é mesmo impermanente.

## 1.2. Não subestimar um DIU bem colocado e uma mente engatilhada

Olhava o bebê se contorcendo no berço,  
espantada, concluí: dar à luz é um erro;  
urrava pra dormir, gritava pra acordar  
brigava até na hora de mamar.  
Pequeno, vermelho e cinza, oxigênio que nada recicla.  
Acorda pra vida,  
e a vida é tapa na bunda  
olhava a tal criatura,  
confusa  
dependente, carente, num mundo errado  
via a coisa tão pequena  
em si, sem significado  
enrijecido, endiabrado...

Na cozinha o papo é outro  
"mulher hoje só engravida se quiser"  
menstruada aos 8, estuprada aos 13  
"você abortaria?"  
"Jamais! Ali mora uma vida!"  
E a vida da mulher?  
Destruída, arrancada, coagida a procriar...  
Pelas razões erradas  
Olho essas crianças  
Criadas pelos braços dos outros.

A angústia em seu temperamento febril  
a vida é um grande soco.

### 1.3. Eu sei que gosto dele, sabe?

Meu nome é Bianca, eu tenho 24 anos, e hoje faz 12 anos que eu namoro. Três anos foi com o Marco Antônio, três anos com o Júlio Meneses, três anos com o Ricardo do bairro, e três anos foram com Jusepe com "J". O que todos têm em comum? Cabelo moreno e sorriso bonito. Meus pais sempre me incentivaram a namorar, mesmo com 12 anos já queriam que eu fosse uma menina livre... Sabe, que pode ir e vir, ter paixões... Eles deixaram que eu sentisse o romance. Hoje com o Jusepe, a gente joga frescobol e come morango, com o Ricardo eu via televisão todo o domingo e ia na sauna do prédio na última sexta-feira do mês, com o Júlio eu gostava de andar de bicicleta e passar trote para uma menina da sala, e com o Marco eu comecei a ler Érico Veríssimo, além de cortar o cabelo repicado. Todos me amavam muito, e diziam que eu era a mais especial das meninas.

O estranho é que uma hora eles falavam gritando, e a alegria eles falavam baixinho, sabe? Eu comecei a cair de bicicleta, eu comecei a desmaiar na sauna, eu comecei a gaguejar no telefone e eu estou com alergia a morango... Vendo isso, e muito preocupada, minha mãe dizia pra eu tentar melhorar, encontrar algo novo pra minha vida, uma nova paixão... algo que não me machucasse e que não falhasse. Ela dizia: "menina, você é livre! Existem milhões de meninos no mundo, você não precisa se prender", mamãe sempre foi muito sensata. Visto isso, eu procurava, e logo achava outro amor. Amei quatro vezes até hoje, mas se for pra contar os que eu amei sem beijar... já foram mais. Sempre nova! Novos hobbies, novos amigos, novas conversas, e sempre em casa, com as portas abertas para mim e para o amor.

Só que eu tô com uma questão que é meio difícil... Hoje eu não sei o que eu gosto de comer, eu não sei a posição que eu gosto de dormir, eu não sei como cortar o meu cabelo, eu não sei como amarrar o cadarço de outra forma que não a que aprendi com Marco Antônio. Eu não sei o que é clitóris, eu não

sei como dirigir meu carro, eu não sei o que eu acho engraçado. E o engraçado é que eu sou livre! Livre para trazer o meu amor pra dentro de casa...

Minha mãe diz que é normal isso, que logo as coisas vão se esclarecer, e que o pai acha bom eu não saber dirigir meu carro, né, pois posso bater e me machucar. Agora que eu já estou há três anos com o Jusepe, né, que é o tempo que meu pai diz que dá pra conhecer um menino. Eu sei que gosto dele, sabe? Ele é legal, ele me faz sorrir e me manda mensagem de boa-noite. Ele também me ensina muitas coisas que como eu disse: eu não sei. E meus pais, claro, sempre respeitando todos os meus namorados, seus gostos, seus hábitos, seus programas, suas manias, pagando viagens, dando presentes, servindo vinhos... Para que eles possam ser livres também.

## 1.4. Noite do pijama entre amigas

Percebi que o namoro era a forma mais fácil de meus pais deixarem o sexo. Era, inclusive, a única forma de legalizá-lo, o compromisso. E eu, - legalizada -, legalizava assim meu lazer, meu prazer. Forma sutil de acorrentamento inconsciente, reneguei a mim de novo e de novo, porque meus pais me negam de mim. Negam meu contato com minha essência, negam minha virilidade, e negam a realidade! Numa bolha dourada, assinam a petição para que eu transe no carro, desprotegida e vulgar, pois me negam minha cama. Na fábula que vivem, lutam contra o fantasma que sou eu fazendo sexo, feliz. Preferem a dor e o sadismo de um conservadorismo desproporcional.

Percebi que aos 13 anos beijei a primeira amiga, sob a premissa de ensiná-la a beijar um garoto, registei "*I kissed a girl, and I liked it*". Aos 14, passava a halls de boca em boca com as minhas amigas, para seduzir o Boka. Aos 15, me masturbava no mesmo quarto com a minha melhor amiga, pra gente se conhecer e se beijar. Aos 17, então, admirei pela primeira vez uma menina pela inteligência e autenticidade, chamei ela pra tomar um *shot* especial durante uma festa escondida lá em casa e saquei-lhe um beijo na boca. Aos 18, pude observar uma garota durante o sexo, e beijar seus mamilos. Com 21 anos me apaixonei, e percebi que estar ao lado da Nikola era estar no melhor lugar da festa. E aos 22, pela primeira vez, entendi a frase "sair do armário".

Percebi como simplesmente não considerei. Percebi como trilhamam meu caminho antes de mim. Percebi como a sexualização das meninas para outros meninos era acompanhada da suavidade e doçura da boca fêmea. Percebi o quanto a heterossexualidade é acessível pra mim. Percebi que a única forma de fazer sexo, sem compromisso, na minha cama, era uma noite do pijama entre amigas.

## 1.5. Rainha má

Sempre quis ser a mais bela. Síndrome de rainha má, daquelas que envenena para roubar-lhe a beleza. Aquela que é olhada ao entrar nas festas, que é bajulada pelos belos homens do balcão. Almejava, quando era nova, esquecer meu nome, minhas obrigações, meu endereço e passar a endereçar-me a ele. Ele. Esse misterioso ele que deveríamos todas amar. Na busca de ser dele, obriguei-me a esquecer de mim. No final do conto, alcancei o que querem todas as meninas quando novas: era bela e reinava para ele.

## 1.6. Ter útero prejudica minha saúde mental

Tem um lugar muito escuro da minha mente, sempre capaz de me puxar pro pior. Não importa onde eu esteja. Esse lugar normalmente é abastado de culpa cristã, culpa por me permitir, remorso por ter dado demais. Esse lugar é o útero, esse lugar é sangue. Ter um órgão interno, de difícil observação e acesso já é por si só assustador, dele brota outra vida que mata a minha, e aí fica muito pior. Sempre vulnerável, sempre culpada, sempre em dúvida, nunca entendendo os sinais. E se cobrando ainda mais por não entender os sinais. Será que ele botou fundo demais, será que o DIU saiu do lugar? Será que o DIU perfurou meu útero? Será que eu estou com uma DST? Será que eu sou o 1% que engravida? POR QUE DÓI?

E tudo isso me lembra as transar de outro jeito. A transa que não engravida, a transa que não precisa perfurar, a transa que não precisa invadir, a transa que não precisa socar, a transa com outro encaixe, a transa lésbica. Têm essas mulheres um pingo de paz a mais que eu? Porque eu quero. Se elas têm paz, eu quero. Remodelo meu prazer, remodelo o meu pensar, pra nunca mais ter que pensar em útero, pra nunca mais me sentir suja, invadida e vulnerável. Pra nunca mais crescer minhoca na cabeça me lembrando como é ser mulher. Inferno ser mulher. Ter que passar por tudo na Terra, mulher. O peso do mundo, mulher. As pernas abertas, mulher. Cabeça saindo por entre as pernas, mulher. Sangue e dor, mulher. Prazer com dor, mulher. Dor com dor, mulher. Dor sem prazer, mulher. Neurose com ser mãe, mulher. Surtar desabafando com parceiro pra ver se alivia, mulher. Ouvir que o filho completa a vida, mulher. Ter que ler que botar DIU sem anestesia causa “pequeno desconforto”, mulher. Julgada pela ginecologista, mulher. Escancarar a vagina na cara de ginecologista, mulher. Ovário policístico, mulher. Menopausa, calorão e peso extra, mulher. Falta de líquido pra dar pra marido broxa, mulher. Ferida no ânus, mulher. Não ter dupla penetração por moralismo social, mulher. Ter dupla penetração

e morrer de prazer, mulher. Não ser mulher e querer ser mulher, morte. Trans cavando buraco em si pra ser mulher, mulher. Filho nascido morto, mulher. Aborto dolorido não seguro, mulher. Aborto espontâneo, mulher. Por que tanta dor? Por que tanto sofrimento junto com nosso pedaço de pele? Por que tudo isso pra justificar que eu existo?

## 1.7. Príncipe enforcado

era verão  
o brilho do sol refletia tuas faltas  
reluziu em mim muralhas altas  
curvas nunca antes vistas  
parecia que tudo ali pertencia  
ruas claras, mentes vazias  
e você a pular nas águas da piscina  
eu lembrava, eu esquecia  
sempre soube de onde eu vinha  
sabia que aquela não era minha vida  
cortou a cabeça da cobra mostrou quem era o pintor da  
sua obra  
eliminei o passado, o futuro e o agora  
se foram meses mas não passavam as horas  
eu me proibi de proibir e assim forjamos histórias  
entre desesperos, gritos e auroras  
meu nome se apagou como visitante que só vê a cidade de  
fora  
por dentro é fundo  
quando percebe, quer ir embora  
eu fui embora  
depois que vi o que acontece quando você chora

eu te proíbo três vezes  
queria sentir menos às vezes  
espero não te trombar um dia desses  
eu te proíbo, eu te proíbo, eu te proíbo  
não esperava que você se perdesse  
me violava sutilmente  
por entre palavras, me humilhava como quem arranca dentes  
sem dó, sem anestesia  
corpo contraído, nessas horas vira crente  
destituído, machucado pela tua mão, parei de acreditar  
em entes

entes queridos que não mais estão  
última chance de salvar minha mente  
palavras, já não as tinha, fui retirada do lugar de quem sente  
as mesmas que não existiam, hoje te proibem independente  
teoria da sua vidinha de merda  
você vive do suposto falo que herda  
não sabe usar, acha que mulher é feita para abrir as pernas  
com raiva de não ser capaz de amar, na vida hiberna  
você amava outra menina  
ela era branca e rica  
se usava na narina  
você amava outra menina  
me usava, se lambuzava  
e voltava a me trocar pela farinha  
eu queria negar que a violência era explícita  
melhor esconder o podre que transita  
às vezes não alcançamos outro ponto de vista  
prevalece o amor de quem corre com você na vida, não  
na pista

poucas mãos estendidas  
me restaram as escritas  
amizades sem nexo, *hasta la vista*  
abri com medo as portas que levavam até essas memórias  
sujas, irrisórias à primeira vista  
mas essa é minha história  
minha e de milhões de mulheres que sofrem violência física e  
psicológica dos supostos “companheiros”  
minha e das bravas mulheres que já se foram na mão de seus  
agressores a sociedade nos cria submissa  
mulher que desenvolve crítica sobre o tema, se arrisca mulher  
que sabe demais é problema  
por isso criaram uma função pra esse sistema  
sistema reprodutor feminino  
corta o clitóris e enfia uns cinco filhos  
não vai nascer por que eu não quero

nossos deuses de adoração são perversos  
e são eles que vão queimar no inferno  
eu *vive* linda de salto e terno  
transito entre os sexos e me abro, eterno  
me amo, me quero  
respiro, alivio  
não vai nascer porque eu vivo  
aborto legal, seguro e gratuito.

## 1.8. O pornô nunca foi pra mulher

Quando éramos jovens, esse era um pecado capital. Algo a nunca ser admitido em público ou no privado. Significava desonra e era mais um sinônimo de sujeira, era desmascarar a promiscuidade existente. Hoje, adulta e dona de mim, resolvi me arriscar nesse universo. Crente de que já teria melhor habilidade de escolher, e mais estômago para entender.

Tudo ficou mais claro, e ao mesmo tempo totalmente obscuro, ao constatar que nos vídeos tudo que passava pelo ânus e pela vagina necessariamente tinha que passar pela boca da mulher em seguida. Nesse ponto notei o sadismo de um mercado construído e alimentado pelo homem. O caráter midiático hollywoodiano em nada acrescenta. Percebi que pra causar tesão no telespectador, mulher não tem suas condições, nem dignidade. Mulher não é rainha e sequer objeto, mulher não é admirada ou conquistada como mostram os outros filmes de um outro mercado. Certa dicotomia, não é? Nos vendem um sonho e entregam deliberadamente a prisão. Um mero saco de porrada, puxão de cabelo, ânsia de vômito e bactéria anal - na boca.

O pornô é pra mulher que faz dele um trabalho. A duras custas, diga-se de passagem. Financeiramente, a mulher ganha mais que o homem na performance pornográfica. Clóvis Basílio dos Santos acha injusto. Acha injusto se enfiar dentro de uma pessoa com toda a agressividade possível, sem ligar se o ânus dela vai arrebentar daqui 2 anos de trabalho ou se ela tá sentindo dor. Ele quer i g u a l d a d e. Quer igualdade? Faz do teu corpo puteiro, não pra fora, pra dentro.

O pornô não é pra mulher assistir, não. O cliente é o homem.

As mulheres dos contos de fadas da classe média branca, das feministas liberais iniciantes e com pouco estômago, cuidado ao pesquisar pornografia... Capaz vomitar por não poder negar como somos tratadas. Mas também, se não assistir, se não souber, se não se indignar, é capaz de apanhar na cama... Homem inexperiente, viu num site pornô.

## 1.9. O que eu mais temia

Sem namorado, me tornei o que eu mais temia: eu mesma. Sem choro nem vela, conforto, fuga. Mesmo que isso me custe. E eu estou pagando, juro. Não tem mais os momentos de paz quando eu pegava o celular e falava as palavras mágicas: vem cá. E aguardava, Cleópatra, pelo medicamento; intravenoso, por favor.

Os momentos de olhos fechados, em que nada no mundo importava, em que eu botava meu peso em cima de outras costas. O único carinho que eu conheço é o joguinho. O jogo de desgastar o corpo. Ou os atos impulsivos e arrependidos.

Preciso escrever, preciso expurgar qualquer coisa que melhore minha condição desajustada. A falta de intimidade me isola, e isolada... eu piro, eu tento me misturar.

Infelizmente, nem tudo é péssimo.

Hei de achar a verdade que procuro! Hei de me adaptar ao vazio que me desmascara. Hei de preenchê-lo de forma cada vez melhor.

Hei de aceitar o tédio, melhor que a dor. Hei de machucar só a mim mesma.

Minha indecisão corroborando com outra pessoa iria ser... Fatal.

## **1.10. Aqui da minha banheira não posso fazer nada pelos problemas do mundo**

Relaxando em minha banheira de espuma  
sem energia para dedicar aos problemas do mundo  
(são muitos)

Não me agarro à bandeira  
não me prendo à ideologia  
nem defendo oprimido  
pois não sou o ideal  
e honro o egoísmo que há em nós  
do meu mundo particular  
não ouço voz  
quem quer posicionamento  
que durma feroz  
pois hoje sou omissa  
hoje sou só eu.

## 1.11. Uma pira meio errada

Dói demais ver duas pessoas que se amavam,  
Se acabando em sofrimento por não conseguirem se acabar  
em relação.

Namoros infantis,  
Sons mas mais gemidos,  
O choro das meninas atrás da porta, um choro reprimido.

Se tornaram algo que já não mais conhecem,  
a imagem profetizada pelo namorado se torna realidade.

De repente, meu amor, por você eu xingo,  
eu cuspo,  
e eu surto.

“Não tenho filha histérica.” Não tenho vontade de aturar  
teu choro.

Quer sofrer, faça-o calada.

Quer existir com dignidade na adolescência?

Morra tentando.

Tapa na cara é o tour completo da experiência.

Imoral, passa mal, mas não termina.

A vida lá fora roda, e você estagnada no banco do passageiro  
desse carro, cinto de segurança afivelado.

E a afinidade, com o volante dessa avalanche.

Eu sei que dá medo, mas pode pular.

Ninguém vai te segurar, mas... Pode pular.

Melhor seu sofrimento do que carregar o teu e de outrem.

A evolução precisa ser considerada nessa consciência.

Esse namorado que já foi bom, hoje não supre.

Tempos que ficaram pra trás,  
você ajudou a estragar tudo.  
Chore essas lágrimas, de preferência deixe pingar.  
Molhando folhas, lençóis e horizontes.

E da água surge o suor de ir se virando mulher.  
Não é o ideal, mas acontece... Eu confesso.  
Não dá pra dizer que ser mulher também é brincadeira,  
no mundo em que nasci é difícil nascer e se sentir  
primeira. Dominante, responsável... pelo contrário, aqui é  
bastante intragável.

Sexualizada, *desvantajada*, um objeto perante si mesma.  
Pedaço de carne. O que fazer com isso?  
Te ensinaram que era tudo, mas não o suficiente pra esse  
namorado meio bosta.

E isso é ser mulher: a gente se vira.  
Depois que vira a chave e a gente se liga  
de como nossa infância foi uma certa mentira,  
um...a pira meio errada.

Até lá, tim-tim: um brinde às mulheres histéricas,  
Que ainda sem entender o jogo,  
acham que o pior que pode acontecer é terminar um namoro  
meio bosta.

vamos juntos, nessa reencarnação do caralho  
e que comece a rodar a joça.

## 1.12. Ditadora

Correr na esteira até não sentir mais meu joelho meio morto, correr tanto pra que as sinapses do meu corpo não possam se dar o luxo de aplicar energia em ansiedade e solidão. As células que resistirem estarei envenenando com vinho.



## 2. Às vezes sagrado feminino, outras, o que é feminino

### **2.1. Recebo este capítulo de uma saudade surrada e compensação desenfreada ao abismo**

Lobo na pele de cordeiro, criança na pele de mulher. Infelizmente perdi o medo do perigo. A voz de dentro atua em um só princípio: retaliação. Nas quinças ela berra pra eu tirar todo o meu cabelo. Por que será um ato tão ressignificante, radical, dado ao vazio, extremo, andrógena poderia me servir, quem diria, não é mesmo. De alguma forma dou minha carne às hienas e assisto, jogo palha no fogo e queimo. Mais uma vez meu corpo recebe a batalha do século, e na minha ficção sempre a última, sempre a mais importante. O que é ridículo, porque em teoria eu tenho a vida inteira. Exceto se eu morrer amanhã, ou hoje, em combate, como os *vikings*... Mas a questão é que não estamos em guerra.

A ideia de ser bravo e lendário, pra procrastinação do século atual, não me assustaria ser desejo de muitos... Pra gente que vive assim, sem eira nem beira, mesmo quando já tá fazendo o máximo.

Tire-me o amor e veja-me selvagem.

O canivete contra o peito, junto ao polegar opositor arranca cada pele que reveste o que vem antes do coração. Esfolo, ele, pulsátil, ainda em busca d'ela. O coração em mãos, valente, estouro, ritmo... e as tripas vão escorregando os dedos, eu então as levo contra a nuca. Esfrego contra a nuca as tripas do meu coração, como que benzendo e interseccionando um segundo ponto. Como é boa a redenção. Recodificadas na janela de uma fechadura, devolvo as tripas ao lugar de origem. As veias ligam-se mais uma vez como de habitual - nada de místico -, e o corpo regenera-se como sempre. No momento, falo de corpo, pois se encontra difícil falar sobre a mente.

## 2.2. Clandestina

Num domingo acordo enjoada, do estômago e da vida, trazendo flashes da noite anterior. As roupas espalhadas pelo chão, não deixam mentir, cheguei com urgência de deitar e dormir. Quase demente de álcool, se não fosse aquela chama de consciência, avisando pra mandar uma mensagem - ou talvez mais que isso - pra alguém inocente em outra cidade.

Percebo de manhã minha falta de decência, e é daí o enjoo. Decência enquanto necessidade do ético, do bonito e do prudente. Clandestina e sem passagem, a falta dessa tal decência me expulsa da cama e me faz chegar até o meu caderno, que por bagunça não estava na cabeceira, seu lugar.

Anoto qualquer coisa que faça eu me sentir melhor e um pouco mais esclarecida sobre minha indecência, apago alguma mensagem estúpida e volto a virar de um lado pro outro, como se por um milagre, estar de olhos fechados se comparasse a dormir. E não dormi.

Vou pro banheiro me rastejando e arranco um pedaço minúsculo de hortelã, esperando que daquele extrato pudesse ter um pingo de sossego. O ódio ao álcool me possui e eu uso mel. Ouso fazer um sanduíche e quando saio do quarto já começam a me encher o saco sobre uma tal conta da internet que estava danando. Pacífica, ou também, sem ânimo, respondo qualquer coisa e me distancio emocionalmente do cenário de café da manhã azedo. Cato folhas caídas do jardim, quase peregrinando meus pecados, implorando por qualquer naturalidade e espiritualidade naquele café da manhã fraco e frio.

Tomo um banho quente e sento no box, vendo a água percorrer meu corpo, me perguntando, sem saber, se de algum modo aquilo poderia me purificar, esperançosa de que a água me desse rumos, e que o tempo na água refletisse o tempo da vida, e sua passagem, até que eu recebesse uma mensagem. Não recebi. Mando qualquer coisa pra ocupar o espaço do seu celular, e fingir decência, não era culpa, mas inquietação.

Não saio pro almoço, não quero sair, e peço uma comida pelo aplicativo. Depois de muito, o entregador vem até mim; sabe meu endereço... E sem responder meu primeiro "Olá", saca da mochila meu pedido, e finalmente faz contato visual. Não era aquele contato desprezioso de entregadores, ele viu meu pijama e minha pantufa delicada, caída sobre o corpo magro de alguém de pouco mais de 10 anos, infantil... Eu respondo que "é débito" e digito a senha da máquina que ele suporta em suas mãos. Nesse meio tempo eu o analiso dos pés à cabeça, seus olhos firmes como de poucos entregadores, sua postura ereta e seu tênis surrado, pensando se ele tinha medo de me cantar e perder seu emprego. Eu, na verdade, queria ouvir uma boa baixaria. Penso que com uma palavra a mais, estaria feito o convite de entrar,

acrescentando verbos, colocaria um estranho dentro de casa. O que talvez não seria problema, já que o meu pedido era o último restante na caixa, e já que motoboys são meio autônomos, né? Pensei nele me fodendo por trás com aquele tênis feio e o quanto ele não combinava nada comigo. Era apenas um macho. Era apenas uma casa vazia. Era apenas o enjoo da indecência ela mesma.

## 2.3. 8

Sobre aquilo que queima  
que marca a pele  
daquilo que destrói,  
que quebra e encerra.

Velas, por que velas?  
Somos tempo e cinza?  
Quem fuma faz paz com morte?  
Joga fumaça berrante  
grito em meio às pernas  
a boca que prende  
a garganta que rosna

Sexo a todo o tempo.  
Sexo um pouco mais  
preencho de órgão vivo em vez de morto.  
Sanguessuga  
suga alma pelo pau,  
mas não sei o gosto tiro, bombeta, canhão

Na minha boca, flores,  
ou o que pagar minhas mãos  
no seu pinto, pares, no seu pinto olhares.  
Na tua pele pelos, da boceta minha

Se fosse música, gincana  
pra tuas gargalhadas tímidas  
algo pra agradecer lembrar de mim assim,  
feroz e lírica.

## 2.4. A incrível vida da mulher um pouco homem

Na balada, ele esfregava a bunda em mim, no lugar onde as mulheres esfregam.

Não tenho pênis, mas tava duro.

Sem reação, como os homens ficam, eu olhava ele descendo e seduzindo. Sexy.

Meio paradona, pegava o quadril dele e apertava forte contra o meu.

Tentava acompanhar;

essa postura dele me exigiu algo diferente...

meio que tentei ser porto seguro, enquanto ele exagerava em tudo.

Eu não exagerava, eu só acompanhava.

Eu não era a diva, ele era.

Tá... às vezes eu era com ele.

Naquela noite eu me senti bem.

Todos os padrões rompidos,

Tudo escancarado e vivido,

Eu me servindo do oposto... com gosto.

A incrível vida da mulher um pouco homem.

## 2.5. Sede

Hoje eu queria dar de costas.

Encaixa aqui, e espreme meus órgãos,  
pressiona do colo do útero ao palato da boca.

Compactua comigo.

Prende os dedos em meus pentelhos,  
e puxa até eu gritar.

Me descola de mim.

Toca levemente meu clitóris inchado,  
mas não penetra o dedo.

Deixa eu suar frio,  
tremendo por isso.

No ritmo da dança,

descola o excesso de pele de cima da costela,

puxa meu cabelo até que a ponta dos teus lábios suspire em  
meus ouvidos,

e mostra você o que a gente deve fazer.

Coloca em mim e não tira mais.

## 2.6. Vaginas

Quero colocar minha vagina pro ar  
Deixar respirar cada poro  
Respirar cada dobra  
Quero sentir o arrepio do vento  
Ao tocar meu clitóris  
Admirar por um espelho todo líquido  
Que de tesão de mim escorre  
O bico do meu peito quer ser mordido  
Me contraio na cama  
Sou meu menino.

## 2.7. Luto

Até quando vou perder relações e os projetos de desenvolvimento nelas sustentados, por que só o que querem de mim é sexo. Uma posição feminina e submissa, na qual uma relação igualitária, de camaradagem, é INVIÁVEL.

Esperam de mim o seio da compreensão, a linguagem mais afetiva do mundo, que reforce os comportamentos masculinos mal embasados, que feche os olhos para o assédio. Até quando serei vista como ameaça em vez de inspiração? Até quando a diferenciação dos meus objetivos terá de ser feita na grosseria? Até quando, homem nenhum engole um belo de um 'Não'? Até quando esses seres serão obcecados por procurar alguém que feminilize sua rotina previsível? Até quando terei de pagar pela interpretação masculina? Até quando terei de me isolar por falta de compromisso masculino com minhas IDEIAS?

## 2.8. Carta ao pai

O que você fez para mim? Não quero começar te cobrando assim. Mas sim, machucou.

Dói e pesa. E me culpa. Me faz suja, usada.

Não quero te cobrar, mas sim, lembro de você, da sua dor, seu calor, mesmo que apagado. Todo cagado. Me obrigando sempre a escolher um lado. Eu tentei te falar que não existe verdade. Arde lembrar de você. Viajo para outra dimensão, te dizer que meu estado nunca é são, volta e meia me engana a percepção.

Você deixa seu narcisismo te dominar. Eu também. Que mal fez esse bem que você prega e não se desapega?

Mas eu não quero te cobrar. Só me escuta, sobre minha vida, não sobre o que eu aprendi nos livros. Lembra quando eu era um feto? Sem respirar? Só escutava a sua voz, hoje eu sou feroz, sem medo de escrever, toda bagunçada, deixei o ódio e o rancor de lado, não quero mais viver no passado. Ponto final.

Quem é você? Se apresente. Afinal, você já foi meu aliado. Eu vi no seu olhar, primeira filha não se esquece, eu nem ligo pra pensão, dinheiro nunca foi a questão. Mas sim a ausência e eu, sem opção.

Sempre soube que os demônios estariam a me seguir. Quando cheguei aqui, vi, eles existem em mim. *São mim*. Dane-se que o português não é assim, sempre notei minha falta de atenção, mas isso nunca foi uma discussão. Afinal, em quantas reuniões da escola você foi? Já me viu chorar de alegria? Me deu Oi ou Bom-dia?

Mas não, não quero te cobrar! Se não fosse a merda da sua falta de atenção, não teria dado ouvido a minha solidão. Linda solidão. Espaço vazio. Nada. Lugar de construir tudo, imaginar tudo, inunda tudo de emoção.

Bom dia, pai. Essa carta nunca vai chegar.

## 2.9. Meu rei

Muros dentro de casa  
palavras que não chegam ao destino,  
planos que mudam  
redirecionam, rio.  
Medidas insanas, palavras tiranas,  
comunicação nebulosa  
e sexualidade profana  
Me pergunto se não me conhecem,  
ou negam conhecer.  
Embaixo da pele o fogo  
que queima o caos, antes mesmo de amanhecer  
Na ida eu já voltei,  
na tua escola reprovei,  
as médias mais altas da minha turma eu conquistei  
e pra debaixo da ponte  
só volto,  
quando deixar de ser meu rei.  
Dentre a vastidão de verbos  
convoco o silêncio,  
que fala da ausência  
Mas as ideias não ditas  
permanecem comigo,  
antes minhas do que tuas.

## 2.10. Chega de linha, vamos de espiral

Tentei sustentar por muito tempo essa história de bruxa e princesa. Dualidade fixa e pragmática que impede de transitar. Ou se é atentada e má, ou se é delicada e boa. Seja gentil e paciente, ou faça um plano maligno para ascender ao poder. Sentar no trono como rainha usurpadora ou ao lado de um homem como sua esposa? De qualquer lado, não sinto-me contemplada. Até quando será preciso escolher entre freira ou puta? Virgem ou meretriz. Maria, a mãe de deus, ou Madalena, a outra Maria. A análise enfurecida pela vivência classista patriarcal parece concluir que um não vive sem o outro. A meu ver, o transitar por entre papéis é algo que acontece. Muito mais complexo do que 'acordei bruxa, vou dormir princesa' ou 'sou safada entre quatro paredes e santa na rua'. Longe de mim uma linha com dois polos. Tô mais pra sustentar uma espiral mesclada com as mais diversas formas possíveis de ser mulher. Até a que não tem mais saco pra ficar se enquadrando. Até a mulher de peito e pênis. Até a mulher que você não reconhece.



### 3. Avenida da língua afiada, Curitiba, Paraná, Brasil, Sul da América Latina, 2020

#### **3.1. Eu sou o embrião do caos**

Eu sou o embrião do caos  
não acredito em lobo mau  
nem todos somos lobos, todos somos maus  
criados para adorar paus  
mulher de luta não se ajoelha pra sua moral.  
eu persegui o coelho fui tirada da cartola pelo desespero  
quando vi, caí, abri o joelho  
ferida que lembra outras vidas entre os espelhos  
que se dane meus pentelhos, quero tê-los  
amo tê-los  
cada cravo que habita minha pele é selo  
marca da maldição  
talvez condenada pelos querereres dos meus dedos

Salve a terra dos humanos  
Um salve à vida extraterrestre que circula a milianos  
em nome da mudança, rasgamos pano  
quando se faz necessário, mudamos os planos  
gosto do cheiro dos ventos quando tu me diz, vamos  
quem cobra bondade do mundo não vê classe  
não vê o outro do seu lado nem se um caminhão passasse  
filantropia, caridade, ótimo disfarce  
mas e questiona seu lugar de destaque, abdica dos lucros  
e propriedades  
da riqueza acumulada expressa na desigualdade nas cidades  
mas e questiona seu lugar de destaque, já penso se seu  
discurso violento tudo isso sustentasse

não gosto, rebate o conteúdo e não a forma  
cuidado pra não se enforca com a própria corda  
aquilo que sociedade discrimina põe na borda  
tudo em mim transborda, queria ser um coral na sua orla  
atravessei por entre lixo esboços  
cavei poços e mesmo assim ainda não cheguei lá  
de tapa em tapa, de tanto faca esmurrar  
conclui que não é sobre a chegada, mas sobre o caminhar.

### 3.2. Andarilha psíquica

É preciso escrever  
mas o grito não sai  
cada gota deixa uma crosta no osso,  
parte interna das costelas  
Saturado, misturado, esgotado  
cheiro mórbido de coisa RUIM.

A coluna dói  
o estômago mexe,  
escuto as pessoas mas não consigo responder  
Não consigo me mover com sentido.  
De novo a sensação leva o melhor de mim,  
deixando a crosta das gotas de grito.  
Grudadas no meu ser.  
Nervos de costela,  
olhos por detrás da nuca  
Cervos e ovelhas abrem alas a uma paranoia maluca.  
Alucinações patológicas  
dos outros  
repousa sobre meu ser.  
Ser que não pausa,  
ser que não para.

A escara cresce a cada nova despedida  
que sai,  
mas continua fedida  
putrificando o interior da menina.  
Com poucas palavras duras de morte  
suga-se o mínimo que há de vida.  
Andarilha psíquica,  
à espera de mais uma noite no meio da rua.

### **3.3. Lixo enquanto compensação social**

Dizer que eu me mexo seria... clichê demais; otimista o suficiente.

Mas não quero otimismo aqui.

Não no que chamo de "minha verdade".

Admito que minha verdade leve fantasia, e desejo e principalmente a sujeira da minha alma.

Da pessoa de mim que se manifesta, mas não otimismo.

Eu prefiro o surrealismo, o paralelo.

### 3.4. Aluna do vento

Infelizmente eu não estava sozinha, a presença de alguém não trocava, sugava não sei o quê... Espontaneidade, eu assumo... e ao ler sua mente eu me afastava. Cada mão estrategicamente retirada, cada olhar precisamente desviado, deixar o local andando na frente, e ter que ouvir você chamar o meu nome. O Meu Nome.

Eu queria esse tempo no píer pra mim. Uma clássica cena de comédia romântica boa, mas era só a vida. Era Só A Vida. Minha vida sendo vivida de forma elétrica, reluzente. Meu corpo dançando de forma ressonante e obstinada. Mais de uma vez demonstrei o não, e tu ousou me encostar, ousou tentar me pertencer em benefício egoísta, não recíproco, e enuncias "transbordamento"? Cala-te se pensas ser o suficiente, invade-me de botas, em dia nu, e obriga-me Em Dia Nu, a peregrinação solitária. Achas razoável perguntar de minha situação com terceiros, querendo achar em outro lugar a razão do meu não. Não te interessa, não diminua meu desejo a compromisso com outro homem. Como ousas tirar de mim o momento no píer e na pista, quem és pra evocar em mim a atitude frígida? Sou frígida quando quero, e não quando necessito. Ter de me defender pra mim é afronta imperdoável, ousará nunca ter olhado pra mim com teus olhos. Quem dera nunca me sentir reprimida por tua pouca vergonha, por tua insistência inescrupulosa. Valores que caem, e tudo que falavas soava como bosta. Estrume entupindo-me, e eu soltava a fumaça com a cara que não tenho, eu fazia a indiferença que a mim não pertence.

Morto.

### **3.5. Atualizações brasileiras**

Não podem ser confiantes,  
estarem confortáveis e de biquíni,  
o mau homem não sabe apreciar  
Ele se desconforta,  
marca território.  
Enquanto eu ainda sou a mesma.  
A mesma seja qual for esse olhar que não me vê.  
Sou o que posso  
não pagaria por você  
e tomo cuidado.  
O homem traía  
o mesmo homem que exige que eu seja  
mesmo se eu não quiser ser,  
mulher.

### 3.6. Algo acontece entre o “T” e o “P”

Em uma comunidade terapêutica, quatro das cinco internas sofreram a violência. Uma delas, inclusive, relaciona as recaídas ao crack com o fato de a família vangloriar o estuprador, seu falecido irmão, que violentou ela e a filha. O discurso apaga da memória de todos quem ele realmente era, mas não deixa que ela esqueça.

De todas as formas, é tão ruim, que pronunciar a palavra é difícil. Talvez porque não se aprenda a palavra na escola, em um ditado enunciado por alguém de jaleco. É a escória do Brasil, representada pela língua portuguesa, que confunde estupro com estrupo, que lembra “estrupiado”. Por que elas enunciam a palavra assim? Algo acontece entre o “T” e o “P”, e como ouvinte me recuso a acreditar em uma causa puramente gramatical. O pronunciar errado da palavra faz parte justamente de tudo que ela representa, da escuridão que ela indica, do segredo que ela é. Falar a palavra que significa seu significado, é inconcebível, como o trauma.

### 3.7. Medida socioeducativa

Teste cardíaco no presídio do *infantário*  
para estudar seu comportamento diário  
passam os dias, as notas, vai-se o salário  
ele continua em sua cela, animal no aviário  
qual seu nome? você quer conversar? agora tenho um horário  
eles tinham de 12 a 19 anos  
humanos

mas todo mundo via o contrário  
arbitrário sistema de decisão  
ninguém vê que isso é falho?

eles têm remédios nos armários  
eu queria outra medicina, herbário  
colocar novos nomes nos diários  
que eles pudessem escrever outras coisas que não  
assinaturas em prontuários  
marcar feriado com a família em calendários  
não o dia de visita nessa prisão aquário  
amigos, eles têm vários  
mas e a segurança de viver carregando o código  
de presidiário

política se faz sobre corpos  
esses que te falam não estão mortos  
enfrente o peso lírico que brota do ódio.

### 3.8. Se o capital for embora

Mesmo se você for embora  
continuarei a sorrir  
minha respiração não deixará de sair  
pra dentro e pra fora

maldita mania de te esperar mais um dia  
percorrer velhas feridas  
tentar caber em suas medidas  
poucas mãos estendidas  
recorri às escritas  
escritores da liberdade  
de uma forma de socializar de verdade  
verde cidade  
escritores do vento, da chuva e da vontade  
dessa mágica meia-idade

sobriedade viver com os loucos

tartaruga gigante leva minha casa em suas costas  
olhar explorado esquece que tem asa  
agradeço imaginação vasta  
mas onde irei eu morar, onde irei eu morar

olhar apurado para as nuances  
ânsias nuas, extravagâncias  
sua presença faz consumir elegâncias  
forjada em ignorância  
fizeste acreditar que nada sobraria se você fosse embora  
mas minha pele continua a sentir  
achei que me perdi  
Pura ironia nessa história  
pois sem você eu sobrevivo  
plantarei uvas, produzirei nossos vinhos  
acolheremos os rios  
numa nova calma teceremos fios

sem você descobri como usar tais asas  
meus olhos se abriam junto às massas  
fogo fumaça  
humanidade em brasa  
na ponta dos dedos, deuses.

### **3.9. Me avisem se esse complexo de herói levar a algum lugar**

Parabéns ao militante de internet  
que diariamente trava  
incontáveis batalhas inúteis  
contra o mal do mundo  
em vez de cuidar da própria vida!  
Só por essa energia desperdiçada  
nossos heróis já merecem... o mundo!  
Esse mundo podre pelo qual eles tanto batalham  
em nome da bondade e justiça  
pela qual serão reconhecidos.

### 3.10. Arte e militância

A arte é primordial, é anterior ao ato político, sendo um de seus papéis o de dizer o que é vedado, o de ir na contramão do pensamento vigente e o de priorizar a estética.

No campo da arte há mais possibilidade de desenvolvimento de discurso, o discurso é mais subjetivo e menos polarizado.

Por outro lado, a arte pode sim gritar o maior da polarização, o mais alto da militância.

Cabe nela, o extremo, o surreal, o irracional e até o fanatismo. De qualquer modo, deusificar um artista é provavelmente uma má ideia, é não compreender o artista em sua essência transgressora e nem em seu direito à liberdade.

A pressão nas redes sociais, coisifica o artista e coloca-o em um papel que não o pertence.

Exige respostas, mas se a resposta não for a esperada - como por tradição no pós-modernismo - se bloqueia, se cancela, se boicota.

Não investir em algo que te decepciona é um direito, julgar o que não compreende é um defeito.

## 4. Ânã

Às pessoas que têm corpo,  
recomendo uma hora de nudez em frente ao espelho  
toda semana.

## 4.1. Emergência de um novo céu

A retina dela brilhava como caco de vidro quebrado  
num acidente  
aquele fogo que aquece, mas também queima  
nada antes havia tocado minha alma  
percebi que a tinha  
alma, algo que não era corpo, não era tato, olfato ou paladar,  
também não era barulho  
era tudo isso junto  
sendo impossível nomear as partes, era todo  
o caos é silencioso  
e atíça um tesão inconcebível para o corpo morno.

## 4.2. Estar apaixonada não é tanto uma opção

A paixão pinga, pinga  
nas decepções se torna a poça do amor.  
canjica de vó  
- panela de bruxa -  
no amor já cabe um pouco mais.  
cabe a parte de ti que eu odeio  
cabe o seu nojento  
cabe até seus piores hábitos  
(não sei por quanto tempo).

Mas antes...  
antes que a paixão de teus olhos  
(vire poça)  
deixa eu desligar o telefone  
sem mais palavras  
após esse olhar

### 4.3. Uma ode ao amor

Caro amor, essa ode é pra você.

Odiar e amar é só começar.

Por entre as veias corre solidão e apego. Por entre os lençóis e travesseiros, chamego. Amo por demais e não nego, tenho esse costume de rabiscar o ego, de cutucar feridas e não deixar sarar.

O barulho de veículos movido a petróleo e o cheiro da cidade cinza me lembram que prefiro dormir no escuro, só para ficar imersa em imagens. Mas, e quando o colchão é duro? Ou se dorme em pedra fria? Me questiono.

Algumas coisas a gente amassa e transforma, põe em outra forma. Às vezes a gente taca fogo e não para de chorar. Lembrar de você é isso: não saber se vou doar ou jogar fora. Eu lembro do teu cheiro, da tua pele, do toque tão vivo quanto o agora. Sadomasoquismo, constante abrir de feridas, querer cutucar e arrancar aquela pele e ver sangue. Após arrancar a pele, centímetros adentro, vejo gordura. Camada fina que nos esquenta. Suspiro. O quanto eu fico suave perto de você. Às vezes me dá calafrio. Hoje você é carta e me corta como fino papel, de novo.

De onde vem essa total enganação dos sentidos? Sinto teu toque, teu cheiro de alcaçuz, meio doce, meio amargo. Posso te ver, a cor dos seus olhos, aquele jeito de olhar para mim, provocador, de quem ia tirar a minha roupa. Minha gripe de você me deixou rouca, com dor de cabeça.

Por um momento sei que é tudo besteira, porque eu gosto de doer em amor. Amo tanto que dói. Às vezes, é bom doer. Quem nunca sangrou pra esquecer? Mas não pense que por minha sinceridade emocional essa flor que escreve é só frágil e sentimental. Não carrego a verdade. Isso é só uma poesia para falar, a você amor, que sem o ódio não contemplo a contradição que é estar vivo, preso à realidade.

## 4.4. Agora

A metade desse inteiro cabe em mim, talvez porque sou composta por diversos fragmentos. Talvez porque a neurose é grande e se relaciona intimamente com o vazio. Talvez porque eu sou um monstro de remendos. Minhas vidas se quebraram na metade depois das notícias que ouvi no rádio, ou era televisão, não me lembro. Mas me lembro, como o tocar do sol na minha pele nesse instante, que cada parte de mim se multiplicou. Como uma mitose celular, fui capaz de habitar duas vezes a mim mesma. Talvez o choque tenha causado espasmos e paralisia nos músculos, por isso o chão estava molhado de café. Desconheço tamanha sensibilidade, é como olhar para uma pessoa e ver a cor de sua aura, sentir seu cheiro e saber de onde ela veio. É muito sentir para pouco ser. Limitações físicas, diria eu. Mas a segunda eu, lembra que “é o que temos”. Temos o agora, esse corpo, temos a rotina, as dores e amores, temos a balança do aceitável para o momento. Para o momento, para o contexto, para esse existir que é composto de instantes.

Eu queria fazer isso para sempre. vomitar palavras que pertencem ao agora. Ligar para o Teylor e mandar publicar tudo na editora independente e politizada.

Quero dar um nome ao meu gato, mas não tenho gato, tenho frustrações deitadas no sofá. E isso tudo está ligado às notícias da televisão - lembrei. Os lapsos de memória fazem parte desse sem roteiro enredo. O destino não satisfaz a análise complexa da vida, nem é honesto com suas nuances. ânsias nuas perturbam meus sonhos, mesmo quando eu vou me masturbar. É impossível cobrar sanidade do povo em tempos de pandemia. Aí está o papel da arte, incorporar, fazer aparecer a raiva de uma outra forma. Talvez até mais eficaz. tenho que sair para trabalhar, está valendo a pena. mas o agora não para, caro leitor, mesmo que te conte o que aconteceu no passado estarei a falar da perspectiva do agora.

eu queria me deixar, mas é tão reconfortante  
me chama, me acolhe, não perde um instante  
insiste pra gente não ficar distante

## 4.5. Reconfortante

Sou um ponto amarelo na escuridão  
eu sou o louro no seu feijão  
também a dor de perder  
de nunca ter  
de não mais querer  
do perdão

a indiferença sorrateira  
a puta, mas também a freira  
o sangue da menstruação  
sou a dúvida  
a dádiva  
a ingratidão  
não sou, a não ser que você queira  
Sou a beira e a profundidade  
pequena delicadeza

O toque de mãos suadas  
poros abertos  
A força da pétala arrastada  
pele e flor coberto  
Sou o brilho do preto  
fosco preto no muro  
sussurro socorro  
estou em apuros  
murmuro meu amor  
mas os ouvidos humanos não captam essa dor

eu sou o fedor marroquino  
a cômoda que você deixa seu dedinho  
eu sou a epiderme exposta pela queimadura  
sou o pus escorrendo pela atadura  
sou o erro de ortografia, pornografia mais suja  
sou aquilo que ninguém quer

correntes libertas da ditadura  
veias abertas que expõem quem tortura

sou o processo não resolvido  
o amor escondido  
corpo ungido  
o veneno no copo em cima do piano  
tecnologia que se faz nano  
e te perfura com pequenos comandos  
desordem e regresso  
espero mais que ouvidos abertos.

## 4.6. Escorre consciente

Perturbada  
em formato de angústia  
o relógio roda  
e eu despedaçada fico na brecha

terapia pra enfrentar  
fumar pra disfarçar  
a vergonha da vida.  
trauma traumático, tremendo  
tremendo espanto como das palavras vou tirando  
alguma coisa,  
alguma outra coisa.

palavras não são só o que eu digo  
é como por dentro eu me entendo.  
Extraio leite, e olha que não sou pedra  
me erra  
antes que eu me erre  
de amor eu esfarelo  
o ideal já é só pó  
a nossa vida é esse nó  
gostoso embaraço de embrulhadas pernas e ideias  
o grande e o pequeno é uma questão de lupa  
e eu tô precisando enxergar melhor.

ohhh dó  
dia na janela  
esperando alguém chegar  
oxalá, não dá pra recalcar  
recalcula os meus ângulos,  
sem quadrado sou sobrevivente  
saio do útero insano  
pra ser refém nesse plano  
não seja bobo ou tirano acreditando em escolha.

Remando contra a maré  
desmembrando a minha bolha  
pé no chão que é pra fazer calo  
cabeça ao vento que é pra não ferver o vulcão  
ostentando crânio é pra você vê outra coisa.  
Uma outra coisa.

abaixa o topete,  
passa aquele pente,  
melhor que passa pano  
pra essa sua serpente  
não engravida, nem trai  
se asfixia sozinha no seu muay thai  
naja não passa tempo na pia  
escorre inconsciente...  
essa é a vida da serpente,  
é a vida da serpente.

## 4.7. Eu nunca mais te vi

Eu nunca mais te vi  
rezei pra não olhar  
pela luneta que aproxima o que não se revela

Para roupa branca  
Já recebi tanta indicação  
De como tirar mancha  
Essas fórmulas perfeitas  
Receita não engana minha criança  
Formulo minhas poções tudo na medida  
Não precisa de balança  
Manchete na tevê me conta plano de vingança  
Vírus tormento que só mata mesmo  
O filho da dona Ana

Como bala perdida, morte na pandemia tem endereço  
Estado de choque interno, o estado é choque externo  
E as músicas de vocês são *nanana* com dois versos  
Garganta desafinada  
Me interno  
Dias sorridentes dançando na cozinha  
Mas tenho estado sozinha mesmo como o Julinho em dia  
de inverno.

Falei de você pra todo mundo,  
espalhei nossos restos mortais  
depois de conversas banais.  
Só pra provar que  
esse coração vagabundo  
te ama como pode.

Curitiba, 2025  
Impresso em papel  
Avena 80 gr/m<sup>2</sup>  
Tipologia: Figtree



[editoramaquinadeescrever.com.br](http://editoramaquinadeescrever.com.br)

 @editoramaquinadeescrever

 editoramaquinadeescrever

## SINOPSE

"Manual de bolso das trivialidades ácidas" é uma obra que lida com a transgressão feminina na sexualidade patriarcal. Aborda a intimidade em seus nuances de maneira sincera, sendo assim classificado para maiores de dezoito anos. Não por se tratar de uma obra erótica, mas por se caracterizar como um retrato sem pudor da condição humana da sexualidade. Admite-se, sendo uma obra sem precedentes, quanto à franqueza e à nudez da caracterização cotidiana, talvez nunca antes contemplada pelo Estado do Paraná. Revolta, sarcasmo e tristeza são alguns dos sentimentos que podem surgir a partir da proposta. Tal literatura é evocada por ser um reflexo da realidade, possuindo os dois pés no cotidiano, tendo assim grande potencial de identificação com o público.

## AS AUTORAS

Alana Ritzmann, psicanalista, artista multidisciplinar e de esquerda, formou-se em Psicologia pela Universidade Positivo em 2019, e atua como psicanalista clínica e produtora cultural. Escreve desde 2013, transitando entre os formatos diário, poesia, crônica e ensaio. Em 2017 publicou de maneira independente em formato físico, seu primeiro livro "Pohemia", possui gravações para o programa "Radiocaos", além de publicações digitais, vídeo poesias e declamações em saraus. Nas redes sociais partilha conteúdos psicanalíticos e segue escrevendo.

Luiza Giostrí? Só no RG. Lugi, como prefere ser chamada, é psicóloga, poeta, graffiteira e produtora cultural. Psicóloga Histórico-Cultural clínica, formada em 2019, e artista por vocação, Lugi é diretora do Circuito Elétrico, um bloquinho de carnaval que desafia o *status quo* de Balneário Camboriú. Também é co-criadora do grupo "Sarau Quintal", onde cultura popular e arte marginal ganham espaço e editais. Leva para sua vida e obra a crítica e humanidade que aprende com a psicologia — porque arte não pede licença, ocupa.



Avalie o livro  
neste QRcode